

ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO POR UMA ABORDAGEM RETÓRICO-DISCURSIVA

André Luiz Gaspari Madureiraⁱ

Resumo: Neste trabalho, a linguagem é abordada tendo em vista as relações argumentativas e de materialidades responsáveis pela instauração de certos efeitos de sentido, e não outros. Com isso se objetiva apresentar uma prática de análise retórico-discursiva que se distancia da verificação eminentemente subjetiva, para demarcar um espaço de observação que tem por base as condições sócio-históricas nas quais as palavras passam a re-significar. Dessa forma, percebe-se, na abordagem interdiscursiva, de que maneira tais efeitos se instauram, em um jogo de profusão significativa caracterizado pela tensão entre a multiplicidade e a regulação do dizer.

Palavras-chave: Argumentação. Discurso. Interdiscursividade. Linguagem.

Abstract: The language is approached by taking into consideration the argumentative relation and of responsible materialities for the establishment of certain meaningful effects. Thus, the objective of this research is to present a practical analysis of rhetorical-discursive which is far from the eminently subjective verification. This is to outline an observation area that is based on socio-historical conditions under which the words become re-meaningful. So it is observed, under interdiscursive approach, how such effects are set in a game of meaningful profusion featured by the pressure between the multiplicity and the regulation of saying.

Keywords: Argumentation. Discourse. Interdiscursivity. Language.

ⁱ Doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Brasil, sob orientação da Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza. E-mail: almadureira@ig.com.br.

Introdução

Diante da heterogeneidade constitutiva da linguagem, as formas de abordá-la, necessariamente, instituem recortes o que, por um lado, limita a investigação e, por outro, possibilita imprimir ênfase em um determinado aspecto. Entretanto, há pontos fundamentais para a compreensão que merecem ser integrados em uma proposta investigativa.

Por meio do aporte da análise do discurso de linha francesa, fundamentada pelo filósofo Michel Pêcheux (doravante AD), fomenta-se um espaço de abordagem linguístico-discursiva caracterizada pelo distanciamento do subjetivismo idealista. Para Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997, p. 175), o problema das teorias da enunciação de meados do século XX se instaura no momento em que buscam reproduzir a ilusão subjetiva do sujeito, “através da idéia de um sujeito portador de escolha, intenções, decisões”. O projeto da AD visa abordar a linguagem a partir de seus aspectos materiais, distanciando-se da análise subjetivista. É dessa maneira que se vislumbra uma proposta de análise mais objetiva, já que se exime de abordar critérios que não sejam materiais, como intenções, desejos, escolhas.

Entretanto, ao serem abordados aspectos materiais, imprime-se um recorte na investigação da linguagem que exclui a propriedade argumentativa, uma vez que a língua também é lugar de convencimento, de persuasão. Com vistas a suprir essa ausência, reclama-se, a partir de um plano de entremeio teórico, a presença de estudos da nova retórica elaborada por Perelman e Olbrechts-Tyteca. Com o objetivo de se evitarem contradições que inviabilizem a investigação por essa proposta, o *ethos* (ἦθος) e o *páthos* (πάθος) – como elementos da tríade retórica – não serão concebidos mediante as possíveis intenções do orador e do auditório, e sim pelas imagens que cada um faz do outro e de si mesmo. O *lógos*

(λόγος) – último elemento constitutivo da tríade – será abordado por meio das estratégias argumentativas. Dessa forma, espera-se, a partir das estruturas argumentativas, ser possível identificar perspectivas discursivas presentificadas na materialidade linguística.

É a partir do processo retórico-discursivo que a linguagem pode ser investigada, sem abrir mão de dois elementos fundamentais: a argumentação e o discurso. Com essa proposta, espera-se alcançar resultados mais completos acerca da relação da estrutura da linguagem com as materialidades discursivas. Nesse ponto, concebe-se a importância de se partir de estruturas argumentativas para se chegar à compreensão de como o dizer funciona, a ponto de mobilizar/dissimular certos efeitos de sentido, e não outros em seu lugar.

Por uma análise retórico-discursiva

Com vistas à observação da prática de abordagem retórico-discursiva neste trabalho, uma fábula do escritor carioca Millôr Fernandes, publicada no ano de 1963, foi escolhida como *corpus* de análise. Para maior compreensão de como os elementos constitutivos da fábula serão identificados na proposta em questão, esta será reproduzida em seguida:

O lobo e o cordeiro

Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do lobo. Estremeceu, ao mesmo tempo que ouvia a voz cavernosa: “Vais pagar com a vida o teu miserável crime.” “Que crime?” – perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com o lobo não adianta argumentar. “O crime de sujar a água que eu bebo” “Mas como posso sujar a água que bebes se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda?” – indagou o cordeirinho. “Por mais limpo que esteja um cordeiro é sempre sujo para um lobo” – retrucou dialeticamente o lobo. “E vice-versa” – pensou o cordeirinho, mas

disse apenas: “Como posso eu sujar a sua água se estou abaixo da corrente?” “Pois se não foi você foi seu pai, foi sua mãe ou qualquer outro ancestral e eu vou comê-lo de qualquer maneira, pois como rezam os livros de lobologia, eu só me alimento de carne de cordeiro” – finalizou o lobo preparando-se para devorar o cordeirinho. “Ein moment! Ein moment!” – gritou o cordeirinho traçando lá o seu alemão Kantiano. “Dou-lhe toda razão, mas faça-lhe uma proposta: se me deixar livre atrairei pra cá todo o rebanho.” “Chega de conversa” – disse o lobo – “vou comê-lo logo, e está acabado.” “Espera aí” – falou firme o cordeiro – “isso não é ético. Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas.” “Está bem?” – cedeu o lobo irritado com a lembrança do código milenar da jungle. – “Qual é o animal mais estúpido do mundo?” “O homem casado” – respondeu prontamente o cordeiro. “Muito bem, muito bem!” – disse o lobo, logo refreando, envergonhado, o súbito entusiasmo. “Outra: a zebra é um animal branco de listras pretas ou um animal preto de listras brancas?” “Um animal sem cor pintado de preto e branco para não passar por burro” – respondeu o cordeirinho. “Perfeito!” – disse o lobo engolindo em seco. “Agora, por último, diga uma frase de Bernard Shaw.” “Vai haver eleições em 66” – respondeu logo o cordeirinho mal podendo conter o riso. “Muito bem, muito certo, você escapou!” – deu-lhe o lobo por vencido. E já ia se preparando para devorar o cordeiro quando apareceu o caçador e o esquartejou.

MORAL: QUANDO O LOBO TEM FOME NÃO DEVE SE METER EM FILOSOFIAS. (FERNANDES, [1963] 1999, p. 20-21)

Ao se abordar a fábula “O lobo e o cordeiro”, é acionada, pela memória discursiva, uma relação de perspectivas responsáveis pela instauração de certos efeitos de sentido passíveis de serem observadas por meio da materialidade linguística. Todavia, com a identificação de sobreposições argumentativas para se chegar à abordagem interdiscursiva, a forma a partir da qual o dizer se constitui se torna mais evidente. Isso ocorre

uma vez que, por meio da identificação do teor argumentativo, se concebe uma das maneiras com que a materialidade linguística se organiza.

Com a remissão ao argumento pelo simbólico, o termo “lobo” é representado a partir de um valor negativo, caracterizado pela ferocidade. Por sua agressividade, é representado em muitas culturas como símbolo de guerra, configurando-se, também, mediante a simbologia cristã, como ameaçador da fé, ao se relacionar com o cordeiro, e de gula e avareza, quando se põe em cena o contexto dos sete pecados capitais (cf. LEXIKON, 1990, p. 126). Nesse sentido, o lobo, visto figurativamente como a representação da realidade sócio-histórica, pode se vincular à postura de opressão, devido à peculiaridade de se instituir como um lugar de selvageria.

A simbologia do cordeiro o coloca em um polo contrário ao do lobo, visto que reveste aquele de fé, a qual é ameaçada por este, como salienta Lexikon (1990):

[...] devido à sua candura e tolerância e sua cor branca, é símbolo da mansidão, da inocência e da pureza [...]. Na iconografia cristã, um cordeiro no meio de outras ovelhas, ou parado ao longe, indica o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. (p. 65)

Esses predicados aproximam o cordeiro, no plano sócio-histórico, do lugar social de onde se busca a justiça, pautando-se na serenidade aliada à ausência de malícia.

Com a apresentação desses elementos polarizados, chega-se à sobreposição argumentativa pela presença, em conjunto com o argumento pelo simbólico, da argumentação por analogia. É assim que o lobo e o cordeiro podem ser reconhecidos como termos do foro, os quais, no plano retórico, remetem respectivamente aos temas opressão e pureza. Além disso, por serem reconhecidos os elementos do foro e do tema a partir da

argumentação pela analogia, juntamente com a simbologia que os caracteriza, diante do título já se percebe o processo intertextual, o qual remete a fábula milloriana à intitulada “O lobo e o cordeiro”, atribuída a Fedro (2001), no século I da Era Cristã, em Roma.

Tomando-se por base a fábula de Fedro, mediante a intertextualidade, pode-se reconhecer o valor simbólico dos termos do foro, compreendendo-os de acordo com as peculiaridades do contexto no qual foram apresentados. No texto de Fedro, o lobo representa o poder despótico no império de Tibério, momento em que a opressão chegava a escravizar os romanos. Estes, diante da impossibilidade de se libertarem da opressão, eram representados simbolicamente pelo cordeiro, insinuando-se, assim, por meio da fábula, a aparência de uma postura branda, pacífica.

No decorrer da fábula milloriana, após a denúncia do lobo de que o cordeiro havia cometido um “miserável crime”, este indaga sobre a natureza do crime cometido, mas sem o propósito de imprimir uma defesa que o livrasse da acusação. O cordeiro, ciente de que “com o lobo não adiantava argumentar”, questiona-o sobre o delito apenas para “ganhar tempo”. Nesse ponto, tem-se a desconstrução do valor simbólico de inocência atribuído ao cordeiro. Na realidade, mostra-se sagaz, dada a estratégia que utiliza para se manter vivo.

A simbologia, no plano interdiscursivo, é atravessada pela perspectiva contrária à do lugar de onde se instaura a ingenuidade, a passividade. Nessas circunstâncias, discursos se relacionam por meio do embate, a partir do qual se estabelece uma tensão constitutiva de efeitos de sentido. No instante em que se reclama a presença simbólica de mansidão, de ingenuidade por parte do cordeiro, a materialidade linguística passa a desconstruir a posição discursiva sinalizada, o que imprime um efeito irônico à fábula. Pela estratégia argumentativa da ironia, algo é dito para

remeter ao contrário. No título “O lobo e o cordeiro”, a mansidão do segundo termo do foro é resgatada pelo interdiscurso implicado no processo de intertextualidade. No entanto, no decorrer do texto, se comprova que esse termo é apresentado por meio do dismantling da perspectiva canônica, sinalizando ironicamente a presença de um cordeiro astuto, sagaz. É, pois, pela relação de confronto entre posições discursivas que a fábula milloriana começa a situar o dismantling canônico.

O texto milloriano se segue com a explicitação da acusação do lobo e a réplica do cordeiro, o que indica a remissão à estratégia argumentativa de contradição e incompatibilidade. Ao revelar ao cordeiro o crime de ter sujado a água que o lobo bebe, este logo sinaliza para a relação de incompatibilidade da acusação, argumentando que é “lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda”. Instaura-se, aí, um contexto moderno, por meio da materialidade “máquinas automáticas”, as quais remetem a um momento sócio-histórico pontual, marcado pelo desenvolvimento tecnológico. Mais precisamente, é traçada uma relação do cenário da fábula com o contexto em que se constitui (por volta do século XX). Essa época de intensas mudanças é marcada, entre outras questões, pelo processo de industrialização na sociedade brasileira, aliando-se a isso a importância que o tempo tem no contexto moderno, a ponto de ser designado como algo que pode ser ganho (como ocorre com o cordeiro) ou perdido.

Como forma de sustentar a procedência da acusação, o lobo afirma que, para ele, o cordeiro é sempre sujo, mesmo que esteja limpo. Quando o cordeiro pensa “e vice-versa”, mais uma vez atesta-se a ruptura com o simbolismo presente na fábula canônica. Observe-se que a ingenuidade o faria expressar sua sinceridade ao lobo. No entanto, o cordeiro apenas pensa. Logo depois, sinaliza mais uma

posição de incompatibilidade entre o argumento do lobo e a realidade, afirmando estar abaixo da corrente e, assim, revelando a impossibilidade de ter cometido o crime de que foi acusado.

Além disso, faz-se menção à dialética, marcando-se no dizer uma posição discursiva que remete ao lugar da filosofia na sociedade, especificamente à que evidencia relações de contradição. Para Rohmann (2000, p. 112), “a dialética age por meio da contradição. No método socrático, testa-se um problema ou proposição por meio de um questionamento rigoroso que desbasta ideias errôneas comuns e revela suas contradições”. Tem-se, então, um atravessamento discursivo que remete à dialética, estabelecendo uma condição de aliança com o posicionamento retórico-argumentativo de contradição e incompatibilidade.

Direcionando-se a argumentação a outra estratégia, o lobo se distancia da defesa do cordeiro pautada no argumento pela contradição e incompatibilidade. Para tanto, recorre ao esquema argumentativo de transitividade, a partir do qual A é inimigo de C e B é amigo de C, o que leva A ser inimigo de B, como ocorre na fábula atribuída a Fedro. Nesse caso, se o lobo (A) entra em confronto com os ancestrais (C) do cordeiro e o cordeiro (B) traça uma relação de conjunção com os ancestrais (C), o lobo (A) passa a estabelecer uma relação de confronto com o cordeiro (B). O lobo, para reforçar o argumento, ainda se volta para sua condição biológica, caracterizada pelo neologismo “lobologia”, ou seja, ciência que estuda os lobos, remetendo-se, assim, às peculiaridades que os caracterizam em fábulas nas quais se instauram a relação dicotômica lobo X cordeiro.

Diante do comportamento do lobo, percebe-se a procedência da estratégia do cordeiro em ganhar tempo, já que sabia que não adiantaria argumentar com o lobo, o que atesta mais

ainda sua esperteza e, também, a desconstrução simbólica relacionada à fábula canônica que se instaura por meio do processo de intertextualidade. A ineficácia da argumentação discursivamente marca um período da sociedade brasileira caracterizada pelo cerceamento de direitos, como o de livre expressão, instaurando uma perspectiva que remete à constituição de outros discursos baseados no contexto sócio-histórico da época. Prova disso é a concretização do Golpe Militar em 1964, quando se institui a ditadura no Brasil. Apesar disso, seus reflexos já se fazem perceptíveis em anos anteriores, os conflitos de classe que dão origem ao golpe de Estado proporcionam a materialização discursiva que fundamenta tal ocorrência, como se comprova por meio dos estudos de Casalecchi (2002):

Pode-se dizer que o período entre 1945 e 1964, conhecido como República Liberal, República Populista ou Quarta República, inicia-se com ampla mobilização de forças democráticas e liberais contra a ordem autoritária do Estado Novo, e encerra-se com o Golpe Militar que procurou impedir a crescente mobilização popular que pretendia ampliar os limites de uma democracia ainda restrita. (p. 9)

A ligação entre o lobo e o cordeiro também pode ser vista enquanto o estabelecimento da autoridade punidora e do punido. Sobre essa relação, o próprio Millôr Fernandes (2007) apresenta as seguintes questões para reflexão:

Em que consiste a punição? A que ou a quem serve? Quais são seus princípios ou razões? Qual é a autoridade punidora ou punitiva, de Deus ao pai, e em que ocasião e em que medida, e com que fito e exemplo, deve a autoridade ser exercida? Existe, no punido, o desejo da punição? Que formas ou proporções devem ter as punições relativamente aos crimes cometidos? A punição pode ser atenuada pela intenção da falta, determinação da falta, inocência da falta, competência ou incompetência do faltoso? Kant afirma: “É o princípio da Igualdade que deve fazer com que a balança da justiça não se incline

mais para um lado do que para o outro. É como se o mal que uma pessoa faz à outra se voltasse, exatamente igual, contra ela, culpada”. (p. 125)

A relação entre igualdade e justiça é apresentada, na citação anterior, por meio da perspectiva filosófica de Immanuel Kant, “filósofo alemão, cuja filosofia crítica questionou o status da metafísica, revolucionou a epistemologia e procurou fornecer uma fundamentação racional para a ética e a estética” (ROHMANN, 2000, p. 230). Na concepção de Valls (2008, p. 18), “Kant buscava uma ética de validade universal, que se apoiasse apenas na igualdade fundamental entre os homens”. Dessa maneira, outra perspectiva discursivo-filosófica passa a atravessar o dizer em análise. Isso porque, a exemplo da evocação feita por Millôr Fernandes para tratar da questão punitiva, relacionando-a à justiça, na fábula, o cordeiro também o faz, como uma forma de propor um acordo com o lobo: deixá-lo livre ao preço de entregar todo o rebanho ao lobo, o que desmantela mais uma propriedade simbólica do cordeiro: a da pureza. Além disso, a propriedade de fidelidade também se desmantela, já que se volta ao próprio bem-estar em detrimento do próximo. Sobre essa questão, Millôr Fernandes (2007) apresenta um posicionamento que ratifica a imagem transgressora do orador, mesmo no tocante às questões religiosas:

É bom considerar sempre que, no Decálogo, no mandamento dizendo para não fazermos aos outros aquilo que não queremos que nos façam, há um desconhecimento total da natureza humana, sua diversidade e amplitude de interesses. Para cada masoquista há um sádico e, portanto, nosso comportamento social não deve estar condicionado a uma repetição monótona e pouco prática. (p. 69)

Dessa forma, questiona-se um preceito a partir do qual não se pode estabelecer o que realmente é certo ou errado do ponto de vista

cristão e até mesmo ético, já que esse mandamento se consolida como um princípio tido por universal e que deveria se constituir como uma busca na sociedade. No caso do cordeiro, este tenta se livrar do lobo propondo colocar outros em seu lugar, o que demonstra uma derrocada além de preceitos religiosos, de valores éticos. O dizer analisado, assim, é atravessado pela perspectiva cristã e, em uma relação interdiscursiva de confronto, passa a ser questionado.

Ao se considerar a desconstrução simbólica do cordeiro – tomando-o não mais como um ser marcado pela pureza e inocência –, juntamente com a estratégia de ganhar tempo, instaura-se, em meio a efeitos de sentido, a posição segundo a qual a promessa em questão poderia não se cumprir. Diante disso, apresenta-a ao lobo apenas por conveniência. No entanto, esse comportamento continua também a ser atravessado por perspectivas discursivas referentes à derrocada de preceitos éticos, como se pode constatar a partir da posição de Vázquez (2010), diante dos fundamentos kantianos:

Argumento de promessa – A faz uma promessa a B, que está disposto a não cumprir se assim lhe convém, de acordo com uma máxima que poderia ser a seguinte: “Se me convém, farei esta promessa, com a intenção de não cumpri-la quando julgar oportuno.” Mas A não pode logicamente querer que esta máxima se torne universal, porque, se se aceitasse universalmente que se pode fazer promessas que todos podem não cumprir e tal norma se observasse universalmente, não haveria mais ninguém que fizesse promessas e, logo, não haveria absolutamente mais promessas. Conclui-se que nunca se pode deixar de cumprir as promessas e que é meu dever cumpri-las sempre. Esta é a argumentação de Kant. (p. 196)

Como a ética kantiana busca formas universalizáveis, passíveis de serem aplicadas de modo geral, o comportamento do cordeiro

vai de encontro ao princípio ético pautado na universalidade. No entanto, no momento em que o lobo ignora a oferta que lhe fora feita e resolve devorá-lo, o cordeiro procura impedi-lo, argumentando que a atitude do lobo não é ética. Como, por meio da ética kantiana, é preciso agir de modo a reconhecer, nas decisões que são tomadas, uma lei universal, o cordeiro se distancia de preceitos éticos ao fazer a proposta na fábula, mas, logo depois, clama por direitos de natureza ética. Nesse ponto, remete-se ao argumento por meio do ridículo, uma vez que a proposta do cordeiro, como se pode ratificar, vai de encontro a preceitos éticos.

Ao tomar o comportamento do cordeiro como a postura interdiscursiva que marca o lugar social de defesa de interesses democráticos em detrimento da política de repressão, o argumento estruturado por meio do ridículo passa a dividir lugar, em uma postura polifônica, com o de ironia. Com efeito, por meio da interpelação do cordeiro para que, em um ambiente conturbado, de derrocada de preceitos éticos se institua um direito ético que é aceito (pelo menos, momentaneamente) pelo lobo, retrata-se um cenário sócio-político em que os direitos não são respeitados, em que leis se distanciam da prática. O termo “ético”, nesse sentido, é instaurado na fábula de forma a revelar sua ausência no contexto sócio-histórico brasileiro em meados do século XX.

O código milenar da *jungle*, nesse contexto, remete figurativamente às leis do país. Dessa forma, o lobo se vê momentaneamente impedido de devorar o cordeiro em respeito a essas leis, para que, ironicamente, não apresente um comportamento que vá de encontro a preceitos éticos. Nessa passagem é relevante atentar às características do jogo de perguntas e respostas relacionado ao código milenar, visto que se estruturam por meio de uma propriedade que marca o orador: o caráter humorístico. Sobre a propriedade

interdiscursiva presente em piadas, anedotas, Possenti (2002) faz a seguinte afirmação:

Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – estereotipada, vale repetir. A razão é que estes tipos de textos sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para uma sociedade. De tão óbvia, no entanto, a abordagem deve ter parecido improdutiva (pelo menos, pesquisadores nunca lhe prestaram atenção). Ora, é um fato que muitos eventos discursivos funcionam sobre este suporte. (p. 157)

No primeiro par de pergunta/resposta, o homem casado é qualificado como “o animal mais estúpido do mundo”, o que se coaduna com a imagem descrente do orador sobre a validade de certos eventos sócio-históricos, como é o caso do casamento. Para Millôr Fernandes (2002, p.82), “casamento é essa instituição em que as pessoas casadas colaboram permanentemente pra destruir”. Isso traduz, por um lado, a imagem que o orador faz de si mesmo e, por outro, a relação interdiscursiva pela qual, enquanto sujeito do discurso, se assujeita. Como o gênero fabular se constitui mediante o argumento de autoridade, a tirada em questão é apresentada como se não houvesse determinação sócio-histórica para sua ocorrência, como se fosse uma verdade universal. No entanto, pode-se perceber que esse estereótipo do homem casado se vincula ao contexto da época, em que os movimentos de liberação feminina reivindicam à mulher direitos iguais aos do homem. Sobre a questão do estereótipo, Possenti (2002) salienta:

(...) deveria ser evidente que os estereótipos são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como sendo o(s) Outro(s) para algum grupo. Mas, eventualmente, esta relação interdiscursiva é ofuscada ou apagada – quando o confronto não aparece na própria piada -, e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas da produção, ou,

pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade. (p. 158)

Dessa maneira, na sociedade brasileira da época em questão configura-se uma série de confrontos entre classes, evidenciando-se um ambiente impróprio para a união de pessoas que, muitas vezes, representam o Outro nessa arena dialógica em que se projetam esses confrontos interdiscursivos. O efeito de sentido de universalidade do fragmento humorístico é reforçado pelo senso comum, bem como pela confluência interdiscursiva a partir da qual se materializa o entrecruzamento da posição de liberdade em uma relação de confronto. Isso porque, com base nesse contexto, ao se casar, o homem passa a abdicar de sua liberdade, dando lugar à dominação, submetendo-se a perder o lugar que ocupa na sociedade para o Outro. Assim, as vozes dialógicas que ecoam do posicionamento machista vão perdendo espaço para o Outro, com o qual a relação estabelecida se instaura, na postura de embate, e por meio de resistência.

No segundo jogo de pergunta/resposta, a zebra é apresentada como um “animal sem cor pintado de preto e branco para não passar por burro”, representando uma estratégia humorística a partir da qual não se pretende alcançar uma resposta científica ou mesmo biológica, e sim reproduzir a asserção própria da piada, como uma frase-feita. No entanto, diante da imagem que o orador faz ao público, a partir da qual se instaura o humor político, impõe-se a necessidade de se analisar o fragmento humorístico de um modo reflexivo, como um desafio a ser vencido. Essa imagem autoriza identificar recobrimentos interdiscursivos relacionados ao contexto de produção do *corpus*.

Diante da materialidade linguística, para não ser tomada como um burro – termo que remete a pessoas que são tidas como pouco inteligentes –, a zebra é pintada de branco e

preto. Simbolicamente o branco alude à pureza, à perfeição (cf. LEXIKON, 1990, p. 38). Já o preto, pela cromatografia política, representa “a cor do fascismo, dos conservadores, da ‘direita’ em sua expressão política” (ORLANDI, 2003, p. 29). Diante do contexto da época – em que movimentos sociais lutavam por direitos democráticos, de descrença de valores éticos, em que o regime político agia por repressão, culminando com o Golpe de Estado –, torna-se politicamente inviável a permanência de posições simbolicamente representadas pelas cores preta e branca em um espaço de aliança. Ao tomar a zebra como um lugar social, percebe-se sua verdadeira identidade – animal sem cor – recoberta por relações de conflito, fomentadas num ambiente de intenso rebuliço social. Dessa maneira, instaura-se uma crítica aos movimentos repressores que buscavam camuflar, por meio de Aparelhos Ideológicos de Estado, os conflitos sociais decorrentes de uma conjuntura concebida mediante posicionamentos de insatisfação.

A relação com os dizeres referentes à política é marcada no último par pergunta/resposta, no qual surge uma suposta citação do escritor, jornalista e dramaturgo irlandês George Bernard Shaw: “Vai haver eleições em 66”. Da perspectiva política, pode-se relacionar, por um lado, diante do contexto mediato de constituição do *corpus*, a resposta com um prognóstico de que o plano interdiscursivo de resistência, de “ganhar tempo”, pode culminar em conquistas sociais, a saber, na manutenção de um sistema político-democrático, a partir do qual os representantes do governo sejam eleitos de forma direta pelo povo, diferente da realidade de boa parte do conturbado sistema político anterior ao da chamada Quarta República. Sobre esse aspecto, Nicolau (2004) faz a seguinte consideração:

O golpe de estado de 1937, porém, interrompeu a incipiente experiência democrática dos anos 1930: os partidos

foram proibidos de funcionar, todas as eleições foram suspensas e o Congresso Nacional foi fechado. Por 11 anos (entre outubro de 1934 e dezembro de 1945) não houve eleições no Brasil. (p. 42)

Como se pôde constatar, no período da Quarta República, apesar de se instituir um processo de redemocratização, a democracia ainda se apresentava de forma restrita. Diante disso, instauram-se posturas discursivas que se relacionam por meio de embate, refletindo, em sua materialidade, os conflitos sócio-históricos no Brasil na época em questão. Nesse contexto em que se dá a confluência de perspectivas relacionadas a posições sócio-políticas, por outro lado, vê-se um alerta acerca da continuidade do processo de redemocratização iniciado em 1945: “Uma das primeiras medidas do processo de redemocratização do país foi a convocação, para dezembro de 1945, de eleições para presidente e para senadores e deputados federais que comporiam a futura Assembléia Nacional Constituinte” (NICOLAU, 2004, p. 43). Essa perspectiva é instaurada mediante a estratégia argumentativa por ironia, a partir da qual a afirmação do acontecimento de eleições indica justamente o contrário, alertando, nesse caso, à descontinuidade do processo de democratização. No plano interdiscursivo, esse efeito de sentido se coaduna com a conjuntura sócio-política do ano de 1966, no Brasil, momento em que ocorre a suspensão de eleições diretas para os cargos de governador e vice (cf. NICOLAU, 2004, p. 56-57).

Os efeitos de sentido oriundos desse plano interdiscursivo encontram-se dissimulados na fábula, por meio da ficção. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 226), a ficção serve “para evitar uma incompatibilidade no plano da ação, para não ter de resolvê-la no plano teórico”. Ao se atentar para o último par de pergunta/resposta, observa-se a redução de teor humorístico em relação aos outros pares. Por se tratar de ficção, autoriza-se a presença dessa incompatibilidade no plano da ação,

disseminando-se o teor exclusivamente humorístico por todos os pares de pergunta/resposta, devido à aparente transparência da linguagem. Dessa forma, os efeitos de sentido dissimulados pela impressão de tal transparência passam a ser percebidos, ao se analisarem os aludidos pares, levando-se em consideração a imagem do orador de oposição ao sistema governamental vigente na época. É assim que se possibilita, através do gênero fabular, mobilizar/dissimular tais efeitos de sentido, sem que haja incidência de ações proibitivas acerca de sua mobilização.

No final da fábula, remete-se a uma postura de incompatibilidade entre a validação das respostas do cordeiro pelo lobo e o comportamento que este tem em ignorar o “código milenar da *jungle*” para devorar o cordeiro. Com efeito, a própria validação das respostas para as perguntas de natureza cômica já revelam uma crítica com relação às leis vigentes no país. No momento em que tais leis são ignoradas pelo lobo, evidencia-se mais ainda a relação de incompatibilidade entre a legislação brasileira e a prática jurídica, revelando um ambiente contraditório e, a exemplo do próprio código, selvagem.

A fábula milloriana se assimila intertextualmente, em uma relação interdiscursiva de aliança, com a fábula canônica, no momento que o lobo demonstra sua característica opressiva em querer devorar o cordeiro sob *fictis causis*, falsos pretextos, salientando a existência de um ambiente sócio-histórico de opressão, de injustiça. No entanto, desmantela a moral canônica no momento em que o lobo é esquartejado pelo caçador, instituindo, assim, a moral “Quando o lobo tem fome não deve se meter em filosofias”. Dessa forma, diferente do que ocorre com a moral da fábula atribuída a Fedro, na milloriana não se torna possível encerrar o valor opressivo que coloca em cena a relação entre o bem e o mal, a pureza e a sagacidade – mesmo porque nesta a simbologia do cordeiro

que o caracteriza como um ser puro, ingênuo, também é desconstruída.

Diante das materialidades discursivas mobilizadas na constituição do dizer em análise, o final da fábula, juntamente com a moral, pode ser concebido por meio da perspectiva do *nonsense*, percebida a partir da identificação da estratégia de incompatibilidade. A posição de incoerência é perceptível mediante a impressão de transparência da linguagem. Como se trata de um gênero fabular, a partir do qual é mobilizada, por meio de alegorias, uma história ficcional, torna-se desnecessária a presença de outros mecanismos (tais como explicações em notas de rodapé) para que a incompatibilidade seja desfeita. Com efeito, a própria ficção já regula essa questão, de modo a evitá-la.

Entretanto, ao se pensar no ethos, torna-se necessário refletir sobre a perspectiva do *nonsense*, de forma a identificar outras posições discursivas atravessando o dizer. Dessa maneira, pode-se conceber, como efeito de sentido, a mobilização de uma crítica à sociedade, segundo a qual não se deve perder tempo (como ocorre com o lobo), à pena de ser “esquartejado”. Por essa perspectiva, instaura-se o adágio popular “Tempo é dinheiro”, o qual se coaduna com o contexto sócio-histórico da sociedade brasileira moderna, marcada pela intensa velocidade, evidenciando-se que as relações de poder podem se modificar a qualquer momento. Para Rezende (1994, p. 13), “os hábitos mudaram, acompanhando o ritmo acelerado da automação da produção padronizada, que até hoje torna os objetos obsoletos antes que eles percam sua utilidade”. Assim, a crítica presente na fábula passa a contestar a peculiaridade atemporal do gênero fabular, de se adequar a qualquer contexto sócio-histórico.

Além disso, também se torna possível identificar, na fábula milloriana, um alerta à sociedade no que diz respeito à possibilidade

de se alcançarem conquistas na sociedade diante da estratégia de ganhar tempo. Desse modo, em um ambiente em que não se tem a manutenção de valores éticos, torna-se necessário transgredir para sobreviver. Nesse contexto conturbado, vislumbra-se a chegada de um momento em que os lobos serão caçados, não poderão mais perder tempo, já que, diante dessa posição, o poder encontra-se disperso. Ganhando tempo se chegará ao momento em que haverá eleições por meio da verdadeira instauração da democracia, época em que será possível a livre expressão do pensamento. A liberdade, de acordo com esse efeito de sentido, não tarda a chegar.

Considerações finais

No decorrer da análise, é possível compreender a forma a partir da qual o entremeio teórico entre a nova retórica e a AD, alicerçado pela polifonia, auxilia na identificação do funcionamento do dizer. Diante dessa proposta, alguns resultados atestam sua pertinência.

Com a identificação do argumento de analogia, verifica-se a desconstrução de efeitos de sentido oriundos da fábula atribuída a Fedro, marcando a fábula milloriana pelo atravessamento discursivo por meio de uma relação de confronto. O reconhecimento dessa condição interdiscursiva tem como princípio a presença da remissão ao simbólico a partir da verificação dos elementos do foro, no argumento por analogia, salientando, na sobreposição argumentativa, também a profusão de perspectivas discursivas em funcionamento no dizer.

Diante da materialidade linguística, concebem-se, enquanto aspecto pontual da fábula, marcas textuais que mobilizam o contexto da sociedade moderna, instituindo um plano de análise que não pode dispensar a presença do contexto sócio-histórico do momento de constituição do dizer para sua compreensão. A pontualidade, que se constitui

como um aspecto do funcionamento da fábula, inviabiliza sua projeção em quaisquer contextos sócio-históricos, de modo que o próprio deslocamento instaura outro plano interdiscursivo, no qual estão implicados outros efeitos de sentido. É dessa forma que se pode questionar a propriedade universal que comumente é assimilada ao gênero fabular como um aspecto estável.

As perspectivas sócio-políticas evidenciadas auxiliam a perceber um ambiente sócio-histórico fomentado por intensos conflitos de classe, responsáveis pela singularização do período de constituição da fábula abordada. Tais perspectivas remetem a posições interdiscursivas relacionadas por meio de confronto, perante um elemento que pode ser posto em destaque: o processo de redemocratização. Nessa circunstância, apresenta-se um ambiente de derrocada de valores éticos – muitas vezes necessário para a manutenção da vida ou, figurativamente, de ideais revolucionários –, no qual a aplicação das leis não se efetiva na prática, demonstrando a disparidade entre a legislação e sua aplicação.

Por meio da abordagem retórico-discursiva, algumas formas de funcionamento do dizer podem ser concebidas com mais eficiência. Isso se deve à prática de análise que, por um lado, não se restringe a perceber estratégias argumentativas muitas vezes pautadas na intuição do orador nem, por outro, a conceber o discurso independentemente de relações pontuais que marcam a singularidade do dizer. Por esse processo, compreende-se como a fábula milloriana funciona de modo a mobilizar efeitos de sentido de crítica e, ao mesmo tempo, de alerta à sociedade brasileira.

Referências

CASALECCHI, José Ênio. **O Brasil de 1945 ao golpe militar**. São Paulo: Contexto, 2002.

FEDRO. **Fábulas**. Campinas: Editora Átomo, Edições PNA, 2001.

FERNANDES, Millôr. **Fábulas fabulosas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nordica, [1963] 1999.

_____. **Millôr definitivo**. A bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. **O livro vermelho dos pensamentos de Millôr Fernandes**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Erlon José Paschoal. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

NICOLAU, Jairo. **História do voto no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ORLANDI, Eni P. **A análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: A nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

REZENDE, Antonio Paulo. **História do movimento operário no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

ROHMANN, Chris. **O livro das idéias: Um dicionário de teorias, conceitos, crenças e pensadores, que formam nossa visão de mundo**. Tradução de Jussara Simões. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Tradução de João Dell'Anna. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Revisão:

Roberto Santos de Carvalho

Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: robertlinguistica@hotmail.com.